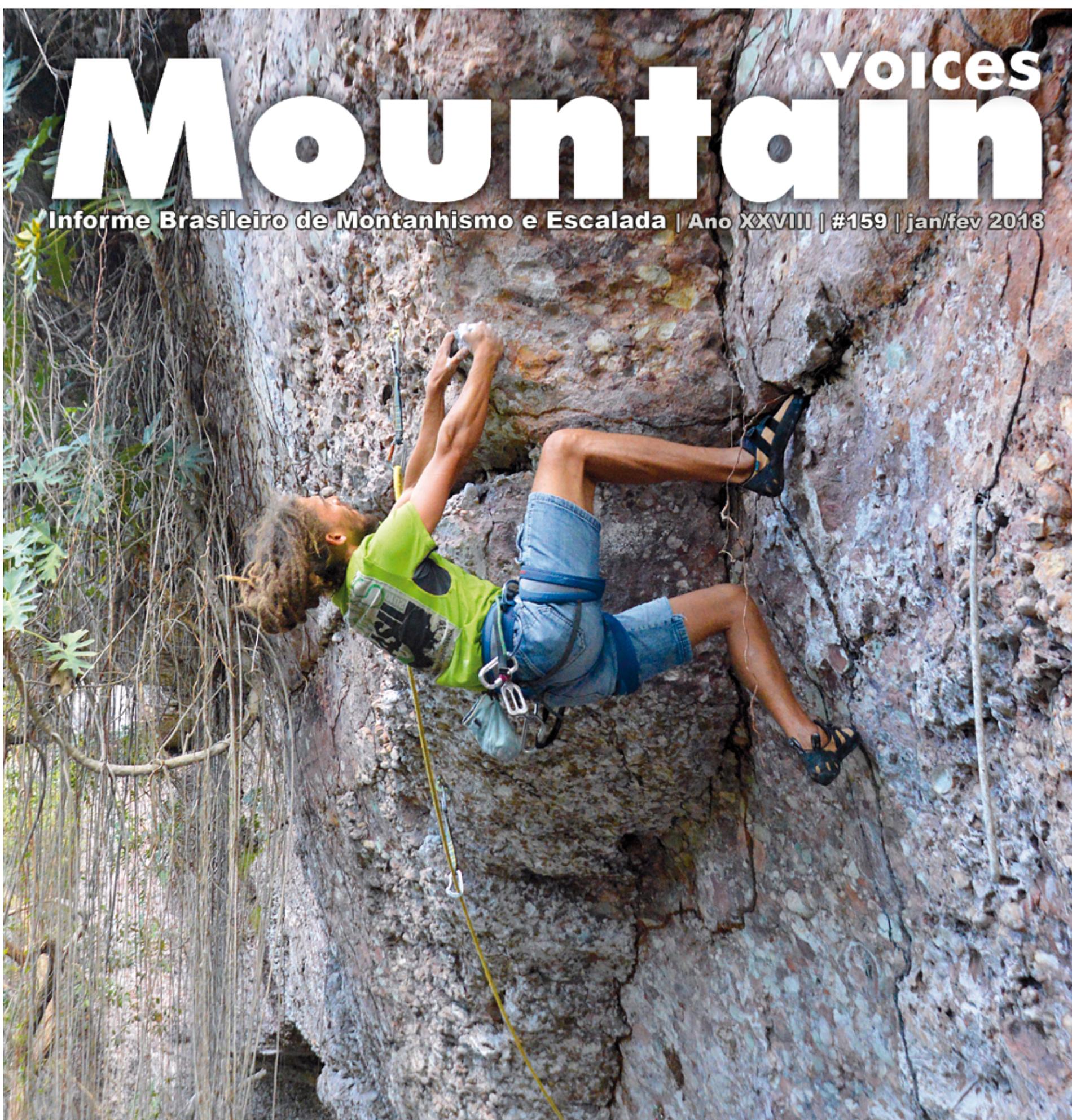


voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVIII | #159 | jan/fev 2018



INDIAN CREEK
FENDAS PERFEITAS NOS EUA

**SERRA DO
ESPINHAÇO**

**FÉRIAS OU
VIAGEM DE ESCALADA?**

ESCALADA

MONTANHISMO

ESPECIAL

CAMISETA ACTIVE FRESH MC FEM.

MASC.

LEVEZA E DURABILIDADE

MOCILA AIR LITE 20L

VELON 257 Ultra Resist

DRY SYSTEM cooling chamber

YKK

PROTEÇÃO UV 50+

EASY CARE E ECO FRIENDLY

ANTI-ODOR

LEVEZA

OUTRAS OPÇÕES DE CORES

Conheça a linha completa em: www.curtlo.com.br

Aonde você for!

CURTLO

Ecoss Dar um tempo...

Bem difícil é admitir, mas sim, uso e muito o mundo virtual. Eu passo o dia conectada e se estou em casa nos finais de semana respondo todas as mensagens nem sempre importantes e ainda olho meus amigos e nem tão amigos pela janela minúscula do meu celular. Mas o fato é que ontem vi uma configuração de uma rede social muito pertinente chamada dar um tempo.

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Um botão ao lado do deixar de seguir, bloquear, impedir, não olhar, o dar um tempo é o caminho do meio, é o ignorar sem ser pra sempre, sem ferir e sem colocar toda uma carga de resolução no ato. Ultimamente eu tenho me permitido este botão tão mais leve e tenho aceitado não só a impermanência como a permanência, o ir e vir das coisas e, tudo bem.

Veç ou outra alguém pergunta se vamos escalar para sempre, se nunca mais vamos fazer concurso público, se alguma vez voltaremos a conversar com tal pessoa, se moraremos na nossa casa por toda a vida. Imediatamente inferimos respostas precisas e respondemos com a maior cara de pau como se tivéssemos controle das coisas, mas impossível, não sabemos.

Podemos planejar todinha a nossa vida desde os 30 até os 90 para chegarmos nos 40 e nos darmos conta que ocorreu muito se não tudo diferente. Se não aceitarmos esta temporariedade óbvia nos encheremos de frustrações de não termos tido nosso primeiro imóvel aos 32 e nossa primeira volta ao mundo aos 35. Mas tudo bem se por um tempo queríamos dar a volta ao mundo e damos um tempo nesse objetivo até outros se concretizarem. Dar um tempo nos permite fluir, permite que a gente aceite mudanças em nós mesmos para em seguida decidir voltar ou não ao mesmo ponto. Sofremos muito buscando respostas definitivas e dualidades, sim, não, certo, errado, preto, branco, caso ou compro uma bicicleta, se eu desistir da carreira, nunca mais voltarei, se

eu mudar para o campo, nunca mais verei a cidade, e por aí vai. Mas graças a deus, mesmo que a gente não se dê conta, o retorno pode estar logo ali e tudo tem volta, praticamente, as vezes com alguma dificuldade sim, mas tem volta, talvez não do mesmo jeito, mas a gente pode se reinventar a cada dia.

Quando aceitamos as escolhas temporárias abrimos espaço para novas possibilidades, sem um apego obsessivo por coisas absolutas, experimentamos, vivemos, nos permitimos e, se ainda vibrar, voltamos ou mais, agregamos outra vez o hábito, a pessoa, a atividade.

Quem nunca se culpou por ter literalmente abandonado algo do coração? Uma escada, um amigo, uma prática, um lugar? Eu não posso correr, pois não posso deixar de escalar, eu não posso morar em outro lugar, pois pertence a minha cidade, não posso conhecer novas pessoas, pois deixaria de conviver com meus amigos. Calma. Há tempo para tudo e há espaço para tudo em nossa vida, em nosso ser, não é abandono, é escolha temporária. É se permitir fazer diferente para reavaliar, para crescer, para somar. O "dar um tempo" te permite ser uma outra pessoa vez ou outra e para quem se propõe de coração aberto, é ótimo, pode ter certeza. Dar um tempo de outra pessoa te faz olhar com distanciamento e com uma menor parcela de passionalidade. Dar um tempo de uma atividade te tira da zona de conforto e te traz um novo 'eu', um novo personagem mais autêntico, na busca, no

aprendizado de novos desafios, novos lugares, novos círculos de amigos. Dar um tempo de um trabalho pode te mostrar uma nova missão de vida, temporária ou não, mas te dimensiona outros horizontes, outros objetivos, outras habilidades.

Claro que dá medo, muito. Queremos estar ali, no nosso campo escola, com nossos companheiros, e tem gente assim a vida inteira e, tudo bem. Mas para uma minoria inquieta, sair para desbravar ou, mais do que isso, parar, por um tempo, para seguir adiante, diferente ou igual, pode ser importante, se testar, conhecer suas limitações e mesmo sua capacidade de lidar com o novo, de agir. O medo de seguir um caminho diferente é se perder na trilha e nunca mais se achar. Ou pior, se esquecer de quem se era antes. Mesmo que o caminho pela frente seja muito mais bonito e interessante a gente tende a ter medo de soltar a corda, mas esquece que pode construir algo muito legal TAMBÉM e não mais ou menos legal que o outro. O meu conselho é seguir, é ter curiosidade, é viver todas as oportunidades e nuances da vida, é buscar constantemente novas formas de valer a pena.

Olho para alguns amigos da época do colégio, a maioria seguiu carreiras lineares, do 0 ao 100, subindo degraus um a um da mesma escada, se dedicando incessantemente a conhecer todos os pontinhos dessa escada e nesse caminho atingiram prestígio, reconhecimento e bens materiais, talvez estabilidade, talvez felicidade. Muitas vezes não ser

de deles me assombra, pois escolhi várias escadas, vários pontos, mas ter uma escada deve ser bom também. Ou voltar para a sua escada depois de ter conhecido várias outras pode te fazer vê-la de forma totalmente diferente.

Quando escalava muito no mesmo lugar costumava já chegar no mesmo setor com a mesma corda e mesma sapatilha direita para a mesma via com os mesmos movimentos todos decorados e meu pensamento só ali, no desejo de completar o caminho de uma vez. Muito tempo sem escalar, retornei ao mesmo lugar e mesma via com uns amigos e outros amigos, outra roupa, outro cabelo, sem os mesmos hábitos e com outras vontades, e me movimente diferente, vi a mesma dificuldade de uma forma totalmente diferente. Eu dei um tempo de algo que era muito importante para mim e ele não desapareceu nem perto de completamente do meu coração ele só trocou a cor e a forma, só aprendeu a dividir o compartimento das coisas belas com irmãos menores, como uma grande família onde todo mundo divide a roupa, a hora do almoço, ninguém é maior nem menor, mas tudo é mais divertido, mais pleno, mas cheio de vida.

Mude de trabalho. Troque a cor do cabelo. Mude de amigos, de estado civil, mude de casa. Abra seu tempo para coisas diferentes. Mesmo conhecendo somente uma versão de você mesmo, experimente seu outro lado. Então volte, retorne, recarregue e mude de novo. Repeat. E boas descobertas.

TRILHAS & RUMOS

A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

ABRIGO TRILHAS WIND
PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE. BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCILA CRAMPON 30
ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCILA CRAMPON 40
SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

MOCILA CAMPUS NET 2
TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCILA CRAMPON 31
RESISTENTE, COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

BARRACA FLASH 2
LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE
CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESSOIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ARIL EM ALUMÍNIO PYCOTA 2
CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 18 SEGMENTOS).

TRILHASERUMOS

WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR

21 2742-9652

JÁ COMPROU SEUS PRESENTES DE NATAL?

**APROVEITE
CAMISETA SOLO ION UV**

Na compra de duas camisetas **SOLO ION UV**

**50% OFF
NA 3ª PEÇA**

Solo Outdoor & Travel

***Consulte lojas participantes**

www.mountaininvoies.com.br



FÉRIAS OU VIAGEM DE ESCALADA?

TEXTO + IMAGEM: RONI ANDRES

A minha motivação para escrever esse texto já vinha de algum tempo, mas foi na minha última viagem à Espanha em novembro, que tive a confirmação para escrever sobre esses dois argumentos.

Primeiro: Quando partimos para vários dias em uma área de escalada, como consideramos esse período? Férias ou viagem de escalada?

Segundo: porque o grau, hoje é considerado por muitas pessoas como um ponto principal de uma viagem?

Antes de tudo, devo dizer que as minhas opiniões partem de muitas experiências vividas em falésia. Principalmente nos últimos nove anos, onde pude conhecer tantos escaladores e lugares novos, o que me deu uma pequena base para essa linha de pensamento. Então, o que seriam férias ou uma viagem de escalada?

Primeiramente devemos considerar qual é o objetivo desses dias. A grande maioria de nós escaladores, não sendo profissionais do ramo e exercendo outras atividades, necessitamos obviamente de um período de descanso depois de um ano de trabalho, estudos e de tantas outras responsabilidades. Não que os profissionais da escalada não mereçam férias, é que esses tem com certeza férias da própria escalada, até mesmo por motivos físicos e de recuperação.

Essa necessidade de um descanso nos levaria a uma trip tranquila, sem pretensões ou projetos difíceis, lugares preferencialmente mais quentes e stress a "nível zero", afinal não vivemos da escalada, porque se preocupar? Isso eu chamaria de férias...

Porém, muitos de nós colocamos objetivos precisos, lugares novos, projetos trabalhados, escaladas à vista, mais de um projeto, etc... Tudo isso considerando a melhor época do ano, mas não em termos de bem estar, mas, principalmente em termos de condições da rocha, quantidade de chuva e temperatura, lugares não necessariamente quentes. Lembrando que muitas áreas devem ser es-

colhidas em relação ao período do ano para realização de projetos específicos. Muitos setores europeus funcionam assim, logo estamos organizando uma viagem de escalada, que requer tempo de preparação e inicia como já mencionado acima, pela escolha do lugar, projetos a "serem realizados" e depois disso, é claro, um período de preparação física e psicológica. Mas não termina por aí, tudo durante a viagem é vivido em função daquilo que está sendo realizados, os excessos considerados normais nas férias, como por exemplo: o vinho ou a cerveja são aceitos em dias de realização para comemorar, a alimentação costuma ser regrada como na fase de treinamento e a quantidade de sono também ganha um valor muito importante. Até o cuidado com os pés e as mãos é redobrado para que tudo saia como o previsto. Um pequeno nível de stress pode se fazer presente durante uma viagem de escalada, desde os primeiros dias tudo aquilo que fizemos em precedência está sendo colocada a prova, e a dúvida do sucesso ou não, pode mexer um pouco com os nervos de qualquer ser humano. Falando assim pode parecer que entre a minha ideia de férias e viagem de escalada, a segunda opção seja uma coisa "terrível", mas, posso garantir o contrário, pois toda essa preparação nos dá a ideia de quanto somos capazes de realizar os nossos objetivos e no caso de "mal resultado", fica um grande aprendizado para as próximas aventuras.

O objetivo também não é aquele de menos prezar quem faz suas férias de escalada na boa, mas sim aquela de definir essas duas linhas de pensamento, uma tranquila e outra objetiva, nenhuma melhor que a outra, somente diferentes.

O segundo ponto a ser considerado em associação as férias ou viagem de escalada e aquele do grau. Já faz um bom tempo que vejo em falésia dois tipos de pessoas, aquelas preocupadas somente com o grau e aquelas sem noção do grau... Como sabemos o grau na escalada é muito subjetivo, porém existe uma escala que nos dá um parâmetro muito bom daquilo que podemos tentar. Principalmente quando estamos fora de casa e o tempo é relativamente mais curto.

Conheci muita gente que chega na falésia e não faz um aquecimento condizente para não ser visto em vias relativamente fáceis, para depois encontrar grandes dificuldades nas passadas, as vezes logo na saída de uma via de 8a fr, o nosso 9c brasileiro, que seria considerado aqui um "bom grau de realização". Quando digo dificuldades, quero dizer que estão muito longe do objetivo exigido por essas vias.

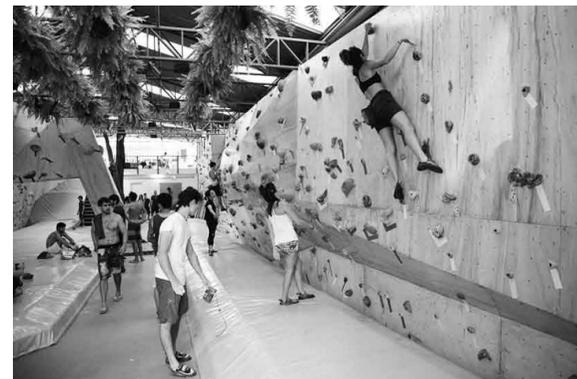
Preciso ressaltar que cada um tenta o que bem entender em falésia, não existem regras específicas. Aquilo que chama atenção é que a escalada é feita de cadenas, independentemente do grau de dificuldade. Hoje em dia não existe alguém que saia do

chão e não queira chegar na corrente sem o chamado "resting", seja em redpoint, a vista ou a flash. A galera quer encadenar o que tenta. O outro lado da moeda é que muitas vezes essa procura exclusivamente do grau, seja ela pelo escalador não ter noção da dificuldade ou querer forçar um grau que ainda não domina, pode leva-lo a frustração, porque os dias passam e a cadeia por motivos "óbvios" não sai. E isso começa a ser visto muito por aqui.

A pergunta que fica é: vale a pena desperdiçar tantos dias em falésia com esse tipo de comportamento? A minha opinião é não! Seja qual for seu tipo de relação com a escalada aproveite seus dias para escalar! Saiu pra férias? Relaxe e curta. Está fazendo uma viagem de escalada? Procure colocar os projetos dentro dos parâmetros do seu treinamento e preparação, caso contrário redimensione suas pretensões. Não se preocupe com as opiniões alheias, ninguém está 365 dias por ano em forma. Já vi escalador de 9a+ pendurado em 7c+ e até vias mais fáceis. Ou voltando pra rocha, depois de expedições inverniais, em 7a+/7b, escalando, rindo e principalmente se divertindo, três coisas que interessam verdadeiramente. Logo, nada de vergonhoso em demonstrar humildade. A única vergonha, como diz o ditado é "roubar e não poder carregar"...

Boas escaladas e um ótimo final de ano pra todos.

Roni Andres tem apoio de Five-ten



CASA DE PEDRA 

Uma mensalidade, dois endereços para escalar!

Venha conferir a nova Casa de Pedra em MOEMA!

Al. dos Guaramomis, 256 - Tel. 11 4563-2903
www.casadepedra.com.br

CAMPO ESCOLA MORRO DO MALUF

A cidade de Guarujá, no litoral de São Paulo, é muito conhecida por suas lindas praias. E uma delas, a Praia da Enseada, possui em seu canto direito um pequeno morro que se eleva junto à alguns prédios. Conhecido como Morro do Maluf, seu nome verdadeiro é Morro da Campina, e só por curiosidade, este apelido não se deve ao conhecido político, mas sim a um empresário libanês, morador de São Paulo que frequentava um cassino que existia na década de 60 no topo desse morro, o qual era tido como rico e quando ganhava nos jogos, dava festas em uma tenda que montava também em cima do morro. Um dia, após perder e fazer bela dívida, ele desapareceu da cidade, deixando seu nome como lenda, o qual passou a designar o próprio local.

AURÉLIO LAVELLE| SP

Paredes de fácil acesso, onde se pode estacionar praticamente na base das vias. Possui uma parte com rocha natural e outra parte dinamitada, como uma pedreira, cada qual com agarras e aderências características. Há uma pequena rua que sobe até sua base, após passar por uma portaria do condomínio vizinho. Uma outra rua, mais à direita, sobe o morro até um lindo mirante onde também se pratica voo livre.

Por muito tempo o local permaneceu com poucas vias, a maioria equipadas ainda na década de 90. Com o passar do tempo, foram feitas manutenções nestas vias originais, por escaladores de São Paulo, porém nada mais foi criado devido às poucas possibilidades deixadas pela ação da dinamite, com áreas sem agarras aproveitáveis e com pouca aderência da rocha. Mas havia nessa época também certa degradação de sua base, com o capim colônio crescendo e bastante sujeira. Esta situação mudou bastante quando o Condomínio vizinho colocou um portão. Este portão permanece aberto de dia e fechado durante a noite, porém sempre destrancado. Foram colocadas câmeras neste local também. Isto reduziu em muito o acesso de desocupados ao local. Há ainda sujeira na matinha da base, porém as melhorias foram muitas.

Já havia então uma nova geração de escaladores locais escalando assiduamente nas vias existentes e escalando com corda de cima tudo o que ainda era possível. Foram abertas nesse período somente uma única via no local, a CEBS 5ª Vía, cujo nome se refere ao grupo de escalada da região. Era necessária manutenção das vias existentes e, ao mesmo tempo chegou-se ao entendimento que a ética da escalada natural não se aplicava nesse caso, e

que não se deveria censurar o aproveitamento esportivo de uma rocha que já foi dinamitada antes da década de 60. Sendo assim, começaram as manutenções os trabalhos de criação das vias nestas áreas. Foram feitas agarras na rocha e equipadas lindas vias, com excelente proteção fixa em chapeletas e campos inox, transformando o local em um Campo Escola completo, com vias entre 3º e 7c ou mais, em breve, pois ainda existem alguns projetos sendo desenvolvidos. Há lances de todos os tipos, agarras, oposições, negativos e aderências.

Os escaladores locais AG Lavelle, Márcio Serrano e o Rogério "Rocha" Silva são os responsáveis pelos trabalhos. Atualmente existe manutenção contínua das proteções fixas das vias de escalada, sendo que todas estão em boas condições.

As vias possuem entre 18 e 45 metros e tem uma ou duas enfiadas, sendo que estas eventualmente podem ser feitas em um só esticão, fazendo uso de fitas longas nas costuras. Todas possuem padrão E1 de exposição, exceto a via CEBS, em E2, porém pode-se melhorar sua proteção com poucos móveis.

Por ser voltada para norte/leste, a parte da tarde é o melhor horário para escalar, principalmente no verão, quando às 9 horas da manhã o calor na rocha já pode ser insuportável.

O local sofre bastante com a presença de praticantes de rapel aos finais de semana, muitas vezes são empresas que exploram comercialmente o rapel no local, o que causa transtornos e riscos aos escaladores. Isto e o fato de haver um mirante em seu cume, leva à recomendação de se usar sempre capacete.

Há outros locais de escalada lindos por toda a Baixada Santista, em geral com muitas vias curtas nos costões rochosos em frente ao mar. Como exemplo temos ainda no Guarujá a Galhetas, o costão das tartarugas (Tortuga),

a Parede Secreta e o Sorocutuba (Éden) que já conta com mais de 30 vias em estilos diversos. Ou o Itaquitanduva, na cidade de São Vicente, com diversas vias conquistadas totalmente com proteções móveis e outros points excelentes, inclusive o próprio morro do Maluf que será melhor descrito no Guia de Escaladas da Baixada Santista, que em breve pode ser adquirido com o escalador; Rogério "Rocha" (13)991679559 – roger.climb@hotmail.com, abaixo um breve comentário das vias;

1 - DOMINGOS GIOBBI 4º V

Uma destas três primeiras vias foi conquistada pelo montanhista Domingos Giobbi, no fim da década de 60 e conta-se que na ocasião foram utilizados somente dois pitons, que foram retirados pelo último da cordada... O tempo passou e não havia mais vestígios da escalada, que depois foi equipada pelo André Prata de Bragança Paulista, e o Fernando, junto com duas variantes de mesmo nome e a mesma parada em grampos P. Esta variante então foi rebatizada em homenagem ao conquistador. Possui seu crux perto do chão. Sua segunda enfiada, bem à direita, é pouco frequentada, sendo mais comum seguir pela via CACTUS.

2 - CACTUS 4º Vsup
Segue um diedrino raso, com lacas bem cortantes, onde está seu crux, e a segunda enfiada, com as 3 variantes, chamada de dinamite, é bem protegida mas o trepa pedra entre a parada e a parede final é exposta, mas pode-se usar móveis pequenos nas fendas

3 - VARIANTE CACTUS IV

Segue uma sequência de pequenas fendas.

4 - BARRIGA DE TRIGO VI

A G Lavelle "Lelo" / Márcio Serrano 2016

5 - LU BOLA VII

Alé Silva/ Eduardo Carceroni 1997

Escalada muito legal, crux na parede lisa próxima ao chão onde há um segredo onde cabem dois de-

dos e que pode te ajudar...na sequencia passa por um negativinho, dominando o platô da parada. Pode-se emendar com as vias Cactus ou Diedro.

6 - THEO ROCHA (?)

A G Lavelle "Lelo" / Rogério "Rocha" Silva

Em breve, deverá ser a via mais difícil do local.

7 - BEATRIZ ROCHA Vlsup

A G Lavelle "Lelo" / Rogério Rocha 2017. Com a via anterior faz a dupla Pedrita e BamBam. Bela via, com bonitos lances muito bem protegidos. Termina no platô comum à via anterior.

7A- THE NOSE VI

A G Lavelle "Lelo". Linda enfiada até o cume...é a continuação da Pedrita e BamBam.

8 - DIEDRO 5º VI

Paulo Gil/Marcos/Ricardo Bourbon 1996. Escalada divertida e bem protegida, segue em uma parede escura, no final da rampa de pedra. Tem seu crux quase na chegada da 1ª parada. A partir daí segue em grampos P e chapeletas até o cume.

9 - JÚLIA LAVELLE 5º Vía

A G Lavelle "Lelo" / Márcio Serrano / Rogério Rocha 2015. Excelente desafio, necessário bastante força nos dedos enquanto se procura as agarras no negativo. A segunda enfiada tem um lance difícil de domínio de platô, depois segue mais fácil.

10 - SKYWALKER 6º VIlb

A G Lavelle "Lelo" 2016. Esportiva, com negativos e com lances bem dinâmicos. Sua linda segunda enfiada passa bem por traz de uma arvorezinha de aragás.

11 - HUNTER CRACKS 6º VIlc

A G Lavelle "Lelo" / Rogério Rocha 2017. Outra linda escalada, a mais difícil atualmente. Necessário bastante resistência para escalar à vista.

12 - CEBS 5º VIl

A G Lavelle "Lelo" / Rogério Rocha 2001

Uma das vias mais legais, porém, um pouco mais exposta que as outras, pode-se melhorar sua proteção com um friend nº 1 e um nut nº 2 a 4.

13 - FORREST GUMP 5º Vlsup

A G Lavelle "Lelo" / Márcio Serrano / Rogério Rocha 2015. Escalada em agarras, algumas abauladas, via bem protegida.

14 - ARESTA ARAÇA 5º Vlsup

Rogério Rocha / A G Lavelle "Lelo" / Márcio Serrano 2015. Bela escalada que segue primeiro por uma aresta depois por um diedro um pouco negativo, onde está seu crux. Proteções em grampos e chapeletas.

15 - CHAMINÉ 4º Vsup

André Prata/Fernando/M. Vazzoler e Maurício G S 1995. Uma das mais antigas e frequentadas do local, na verdade não é uma chaminé e sim um diedro. Segue até o topo por lances bem fáceis de agarras.

16 - CRISTAIS 4º IVsup

André Prata e Fernando/M Vazzoler e Maurício 1995. Tem seu crux bem próximo ao chão, em agarras abauladas, seguindo depois por um veio vertical de cristais e depois da parada segue por lances fáceis até o cume.

17 - VISTA AO MAR VI

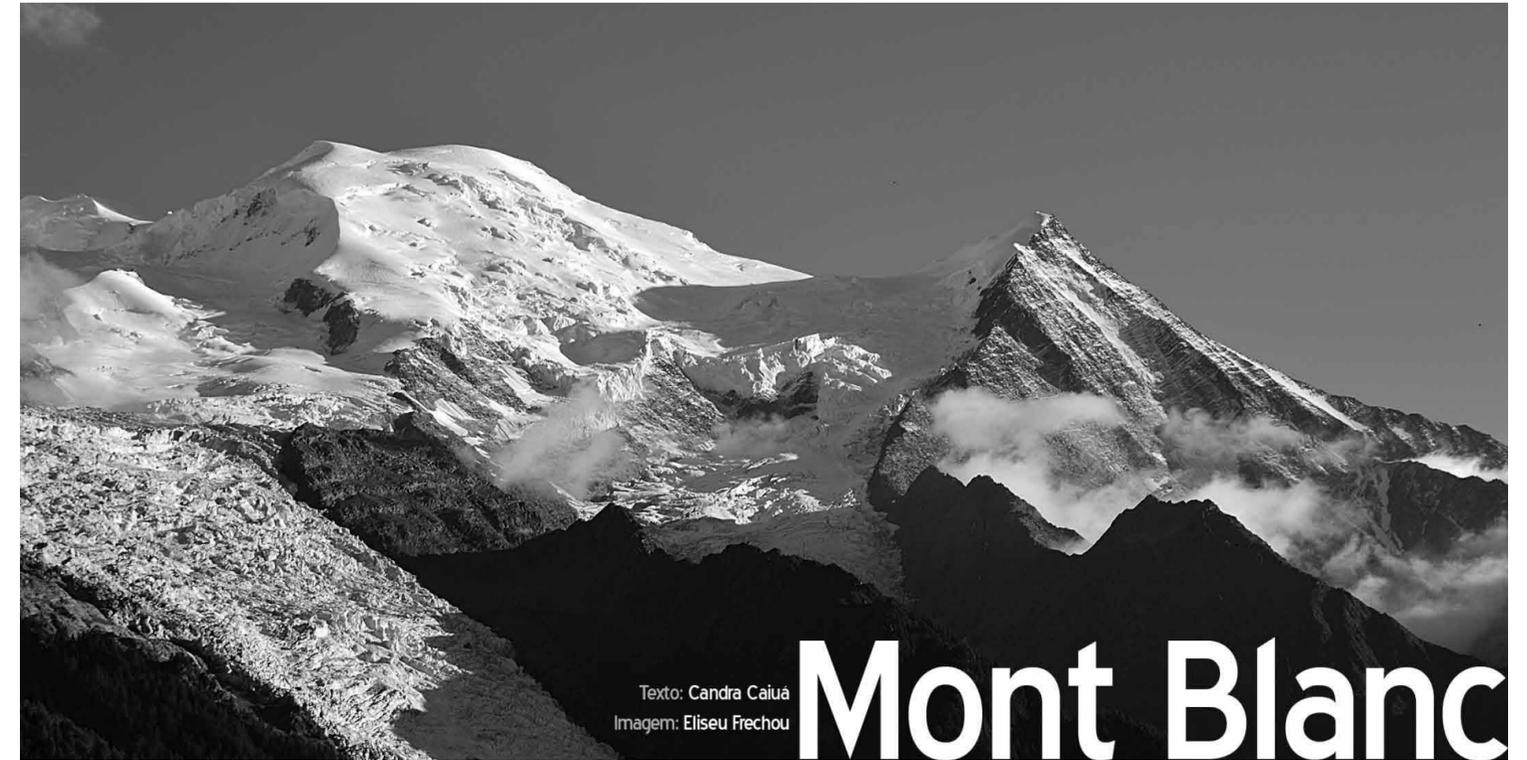
Rogério Rocha / A G Lavelle "Lelo"

Uma enfiada bem técnica em pequenos regletes e cristais protegida por grampos P. Cuidado com o exposto lance até o primeiro grampo!

18 - FENDAS CEGAS 3º IV

Marcelo Vazzoler e Maurício G Silva 1995
É a via mais fácil e frequentada do local, tem seu crux no final de um pequeno veio de cristais, ainda próximo ao chão.

Aurélio Lavelle (Lelo) (13) 996254846 – escaladasantos@hotmail.com



Texto: Candra Caiuá
Imagem: Eliseu Frechou

Mont Blanc

Foi num dia de verão na primeira semana de setembro de 2017, que eu saí para mais um dia de trilha em Chamonix, conhecer outra parte das montanhas e a sua natureza. Estava um dia com bastante nuvens no vale, meu intento era subir até o abrigo de montanha Goûter 3.863m e voltar no mesmo dia para Chamonix mas tudo mudou no decorrer do dia. Saí de casa as 8h00 de bike até o teleférico de Les Houches para subir até Bellevue 1.794m.

Começo a trilhar às 9h, após umas 2h subindo é quando começo a passar as nuvens e ver aquele mar branco abaixo, a mesma visão que temos em cima de um avião, acima das nuvens, e no alto das montanhas estava limpo, sem nuvens. Faço pequenas pausas, pois sabia que iria ser um dia puxado ter que subir e descer no mesmo dia. Entre os abrigos Tête Rousse e Goûter achei a parte mais técnica e difícil, onde tinha escalaminhadas e travessias que tinham pedras que rolavam do alto. Chego ao abrigo Goûter 3.863m às 15h e percebi que fisicamente iria ser muito puxado descer tudo no mesmo dia, foi aí que pensei em dormir por lá. Vi um por do sol incrível com o mesmo mar de nuvens e os picos nevados. Olhei a previsão do tempo e conversei com guias, eles disseram que no dia seguinte seria ideal para ataque ao cume, e estável até fim da tarde. Foi aí que estalou na minha consciência, que era uma oportunidade de fazer o cume do Mont Blanc. Pois para mim estava fora de cogitação fazer a montanha free solo e com condições de 50 cm a menos de neve nesse período. Bom, agora faltava um grampo e um piolet. Conversei com Olivier o guardião do abrigo, para alugar o equipamento, mas ele disse que emprestaria. Melhor dormir cedo, pois o café da manhã é às 3h da madrugada.

Após o café da manhã, começo a me preparar, vou do lado de fora do abrigo e já tem alguns grupos saindo para o cume, olho pra baixo e na montanha estão subin-

do quem dormiu no Tête Rousse 3.167m que é um abrigo abaixo do Goûter, estava bastante frio. Por eu não ter me programado para o cume, deixei equipamentos de frio em Chamonix, estava vestido com uma calça tectel, um polar e um corta vento, luvas finas e gorro. Resolvi esperar um pouco, sentiria muito frio nesse horário. As 6h saio para o cume, ainda escuro com a lua cheia reluzindo na neve e o dia clareando com a luz da Alvorada, uma beleza muito pura nesse momento. Fazia pequenas paradas para não sentir tanto frio, havia bastantes grupos nesse dia. Era uma manhã perfeita, ótimas condições. Faltando uns 200m, o vento começa a soprar mais constante e faz mais frio, meu corpo queria descansar, passou pelo pensamento de desistir. Chego ao cume do Mont Blanc 4.810, e tinha uma visibilidade incrível, uma grande emoção toma conta de mim, um sonho se realizando é algo que transcende o verbo, naquele dia a montanha permitiu. Começo a descer e chego ao Goûter ao 12h, faço uma pausa lá pra comer e descansar um pouco. Começo a descer as 14h e as 17h chego a Bellevue. Não consegui registrar fotos no dia do cume, a bateria tinha acabado. Fica o aprendizado e o agradecimento pela experiência e tudo aquilo que proporciona o que tem que ser.

Sou nascido na Chapada Diamantina – Vale do Capão, Brigadista Voluntário, Guia e escalador. Meu nome é Candra Caiuá e eu falei – Yawooh!

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

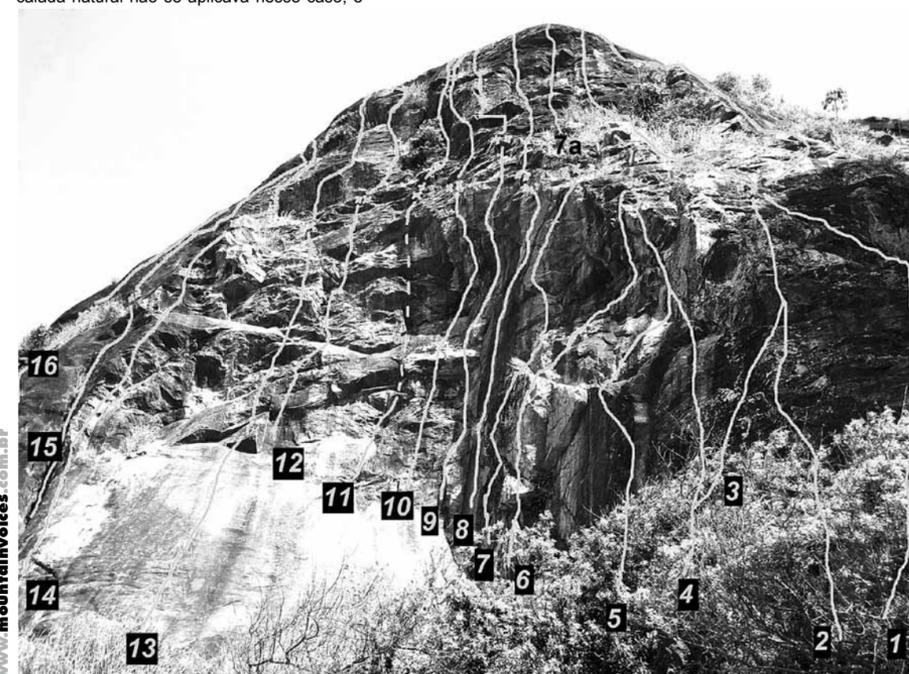
NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metró Praça da Árvore, São Paulo





Em mais de vinte anos de “vida montanhística” fiz muitas trips de escalada por esse mundão, mas duas em particular foram especiais para mim: a primeira foi em 2000 quando fui para Serra do Cipó (MG) com o escalador Antônio Nery e descobri que “a escalada é maior que o meu quarto”. Já a segunda foi em 2013, quando fui com o escalador ítalo-gaúcho, Roni Andres, para Céüse na França. Aquela trip foi a realização de um sonho de adolescência e significou para mim o final de um ciclo de escalada.

E agora, após passar quase três semanas escalando em Indian Creek, nos Estados Unidos, tenho a plena consciência de que essa trip foi especial e será lembrada por muito tempo.

A ideia de ir escalar em Indian Creek nasceu no final do ano passado, quando o escalador capixaba radicado no Rio de Janeiro, Rodrigo Guizzardi me falou que tinha interesse em fazer uma viagem para lá. A princípio estava buscando alguém para ir a Smith Rock (EUA), mas como não rolou nada, achei interessante a ideia de conhecer as famosas fendas infinitas de arenito do deserto.

Em meados deste ano, o projeto começou a ganhar força quando iniciamos o chatíssimo processo de pesquisar passagem barata para os Estados Unidos. Num belo dia apareceu uma passagem para Denver (Colorado) por R\$ 2000,00!!! Uma pechincha! Mas achamos que conseguiríamos algo melhor e deixamos passar. Uma semana depois, a mesma promoção voltou a se repetir. Ai, não tivemos dúvida, “cavalo selado não passa duas vezes” (no nosso caso, três). Compramos a passagem e garantimos a trip. A “pegadinha” dessa passagem foi que o voo era pela Aero México, com uma escala na capital mexicana, antes de pousar em Denver. Em uma rápida pesquisada pela internet sobre esse voo descobrimos algumas coisas desanimadoras: avião ruim, comissários grosseiros, atrasos, processo migratório no México... Era o preço da passagem barata. Para ser sincero, a nossa viagem, tanto da ida, quando da volta, foi super tranquila e



não foi nada do que estava escrito na internet, muito pelo contrário, recomendo sem hesitação esse voo. Partindo Embarcamos rumo a capital do Colorado no dia 30 de setembro e após uma conexão na Cidade do México, entramos no Estados Unidos no dia seguinte. Como tudo na terra do Tio Sam funciona a base de carro, tivemos que alugar um no aeroporto de Denver para fazer o traslado até Indian Creek (660km), assim como para ir de um setor de escalada ao outro.

Depois da passagem aérea, o nosso segundo maior gasto seria o aluguel do carro, por isso, assim que compramos as passagens, tivemos que dar uma boa pesquisada nos valores dos carros. Após muita busca achamos um carro por US\$ 500,00 para as 3 semanas! Uma verdadeira pechincha! Mas é claro que ali tinha uma pegadinha e nós sabíamos qual era. Esse valor era referente à locação sem os seguros que as locadoras te vendem, pois com o seguro o valor subiria para US\$ 800,00.

Para tentar contornar esse gasto extra, resolvi usar o seguro do meu cartão de crédito, mas sabia que isso seria difícil, pois em geral, as locadoras não gostam de fazer isso, já que deixariam de faturar uma boa grana com o seguro. Chegamos no balcão da locadora após uma noite mal dormida dentro do avião e enquanto esperávamos a nossa vez, ficava olhando para as atendentes e pensando: se a gente cair naquela senhorrinha estamos ralados, pois ela deve trabalhar com isso há anos... Dito e feito, fomos atendidos pela simpática senhora de cabelos brancos e não teve ou-

tra. Tentamos em vão alugar o carro usando o seguro do cartão de crédito sem sucesso. O pior é que fica difícil subir o tom de voz diante de uma senhora de idade toda simpática querendo ser agradável. No fim, como ela viu que nós não gostamos muito desse “atrolho” de seguro, ela ainda fez uma “ceninha” chamando a gente para um canto e falando:

-Oh, fica só entre nós, não deixa o meu gerente ver, mas eu vou te arrumar um carro especial para vocês! Pega aquele carro que está na vaga 35!

Chegando na vaga, a senhora simpática tinha separado um SUV completinho pelo preço do popular. Quando vimos aquele carro (tracionado) não tivemos dúvida, e na hora pensamos a mesma coisa: Bridger Jack Campground!!!!

Na área de Indian Creek há 4 opções de camping, sendo 2 pagas e 2 free. Se estivéssemos alugado um carro comum, teríamos que ficar num dos campings pagos, pois para acessar os outros dois 0800, tinha que ser com carro 4x4. Mas como a senhorrinha nos deu esse “upgrade”, poderíamos acampar num dos camping free e poupar alguns Camalots dólares. Assim, acabamos escolhendo nosso campo base o Bridger Jack Campground por ser um local mais central e longe da muvuca.

De Denver até Indian Creek são mais 660km pela rodovia interestadual I70, mas no dia que chegamos em Denver, uma frente fria estava varrendo a região e logo fica-

mos sabendo que a rodovia estava fechada por tempo indeterminado devido à neve nas partes mais altas... Assim, no dia seguinte, tivemos que pegar um pequeno “desvio” para contornar a serra e chegar a Indian Creek. Com isso, a viagem ficou com 850km por uma estrada mais simples, o que aumentou o tempo de viagem em 4h. Por causa disso, nós não conseguimos chegar em Indian Creek no mesmo dia e tivemos que acampar no Fisher Tower, perto da cidade de Moab, faltando uns 130km até Indian Creek.

Já que estávamos na base do Fisher Tower, logo revisamos os planos e decidimos que no dia seguinte tentaríamos escalar uma via clássica da região, a Ancient Tower! Aquela torre estranha de arenito que todo mundo sobe para tirar uma foto e colocar no Insta!

No dia seguinte acordamos sem muita pressa, já que estávamos praticamente na base da via. Quando colocamos as mochilas nas costas e iniciamos a caminhada ouvimos alguém falar:

-Está tudo molhado!

Nos viramos e um casal prosseguiu:

-A via está totalmente encharcada por causa da chuva, sem chance de escalada hoje.

Na verdade, eu sabia que isso poderia acontecer, pois no dia anterior, viajamos praticamente o dia inteiro na chuva, e à noite, quando estávamos chegando na região, dava para ver que tinha chovido bem na região. O “problema” de Indian Creek é que lá não

tem muitas vias fáceis, são poucas as vias de 5.9 (4º grau) e as que têm são mais ou menos... A maioria das vias começam com 5.10 e as melhores são 5.11.

Depois da surra, passamos quase 2h tentando nos recuperarmos física e mentalmente até conseguirmos entrar numa outra surra.

Nos dias seguintes fomos conhecer outros setores da região e aos poucos fomos pegando o jeito da coisa e começamos a tomar menos pau das vias. No terceiro dia, já estávamos mandando 5.10- à vista e no quarto 5.10+. Logo, percebemos que o estilo das vias tem relação com a graduação. Em geral, fendas de mão que cabem Camalot #2 a #3 são graduadas em 5.10. Se a via for um pouco mais curta, tipo 15m, um 5.9. Já as fendas de mais estreitas, menor que #1, 5.10+ a 5.11. Assim, se quiséssemos escalar vias mais duras, teríamos que encarar fendas mais estreitas (fenda de ponta de dedo).

No quarto dia, entramos pela primeira vez num 5.11. Era um diedro de dedo com um crux no final protegido em #0.3. É claro que não mandei à vista, mas o Rodrigo mandou bem demais a via em top rope, o que acendeu uma boa esperança em nós.

A princípio, a nossa ideia era escalar 3 dias e descansar 1, mas após o primeiro ciclo, descobrimos que não teria como seguir nesse ritmo, pois vimos que cada escalada era extremamente desgastante, aquecer num 5.10 era quase um “projeto de vida”. Assim, tivemos que rever os nossos planos e mudamos os ciclos para 2 dias de escalada para 1 de descanso. Além disso, nós tínhamos outro problema logístico, a água. Como na área do camping não há água, precisávamos levar toda água de Moab em galões. Basicamente levávamos uns 40L d’água por vez para passar 3 dias e sempre ao final do 2º dia a água ficava escassa e tínhamos que ir até a cidade para reabastecer (100km).

No quinto dia de escalada, o Rodrigo foi mais ousado e resolveu provar de top um 5.12, mas infelizmente num movimento estranho acabou machucando o pulso, que o levou a ficar 2 dias off. Aquela lesão não esperada causou uma certa dúvida sobre a continuidade da trip, mas após 2 dias de descanso e muita arnica, o pulso melhorou e tudo voltou à normalidade.

No sétimo dia de escalada, na volta do Rodrigo à ativa, colocamos como meta mandar um 5.11 “colocando peça”! Sabíamos que o grau não estava longe, bastava uma trabalhada que iria sair. Escolhemos uma via bem simpática chamada “Puma”, graduada em 5.11+ no Setor Cat Wall. A via é uma fissura frontal perfeita com um crux delicado de #0.3 no final. Malhamos a via algumas vezes e na 4ª entrada (3ª do Rodrigo), mandamos o nosso 1º 5.11 da trip. Aquilo foi uma injeção de ânimo nas nossas veias e ajudou a elevar muito o nosso auto estima já bastante ferida.

Depois de mandar o primeiro 5.11, a meta seguinte foi mandar um 5.11 à vista. Passamos os dias subsequentes escalando em outros setores. E no oitavo dia de escalada mandei o meu primeiro 5.11 à vista na última escalada do dia e o Rodrigo mandou à vista a clássica Scarface (5.11-) no décimo dia de escalada.

Com isso, pelo menos batemos as nossas metas em Indian Creek e resolvemos direcionar os nossos esforços para segunda meta: as vias de várias enfiadas em móvel. Depois da surra, passamos quase 2h tentando nos recuperarmos física e mentalmente até conseguirmos entrar numa outra surra.

Nos dias seguintes fomos conhecer outros setores da região e aos poucos fomos pegando o jeito da coisa e começamos a tomar menos pau das vias. No terceiro dia, já estávamos mandando 5.10- à vista e no quarto 5.10+. Logo, percebemos que o estilo das vias tem relação com a graduação. Em geral, fendas de mão que cabem Camalot #2 a #3 são graduadas em 5.10. Se a via for um pouco mais curta, tipo 15m, um 5.9. Já as fendas de mais estreitas, menor que #1, 5.10+ a 5.11. Assim, se quiséssemos escalar vias mais duras, teríamos que encarar fendas mais estreitas (fenda de ponta de dedo).

No quarto dia, entramos pela primeira vez num 5.11. Era um diedro de dedo com um crux no final protegido em #0.3. É claro que não mandei à vista, mas o Rodrigo mandou bem demais a via em top rope, o que acendeu uma boa esperança em nós.

A princípio, a nossa ideia era escalar 3 dias e descansar 1, mas após o primeiro ciclo, descobrimos que não teria como seguir nesse ritmo, pois vimos que cada escalada era extremamente desgastante, aquecer num 5.10 era quase um “projeto de vida”. Assim, tivemos que rever os nossos planos e mudamos os ciclos para 2 dias de escalada para 1 de descanso. Além disso, nós tínhamos outro problema logístico, a água. Como na área do camping não há água, precisávamos levar toda água de Moab em galões. Basicamente levávamos uns 40L d’água por vez para passar 3 dias e sempre ao final do 2º dia a água ficava escassa e tínhamos que ir até a cidade para reabastecer (100km).

No quinto dia de escalada, o Rodrigo foi mais ousado e resolveu provar de top um 5.12, mas infelizmente num movimento estranho acabou machucando o pulso, que o levou a ficar 2 dias off. Aquela lesão não esperada causou uma certa dúvida sobre a continuidade da trip, mas após 2 dias de descanso e muita arnica, o pulso melhorou e tudo voltou à normalidade.

No sétimo dia de escalada, na volta do Rodrigo à ativa, colocamos como meta mandar um 5.11 “colocando peça”! Sabíamos que o grau não estava longe, bastava uma trabalhada que iria sair. Escolhemos uma via bem simpática chamada “Puma”, graduada em 5.11+ no Setor Cat Wall. A via é uma fissura frontal perfeita com um crux delicado de #0.3 no final. Malhamos a via algumas vezes e na 4ª entrada (3ª do Rodrigo), mandamos o nosso 1º 5.11 da trip. Aquilo foi uma injeção de ânimo nas nossas veias e ajudou a elevar muito o nosso auto estima já bastante ferida.

Depois de mandar o primeiro 5.11, a meta seguinte foi mandar um 5.11 à vista. Passamos os dias subsequentes escalando em outros setores. E no oitavo dia de escalada mandei o meu primeiro 5.11 à vista na última escalada do dia e o Rodrigo mandou à vista a clássica Scarface (5.11-) no décimo dia de escalada.

Com isso, pelo menos batemos as nossas metas em Indian Creek e resolvemos direcionar os nossos esforços para segunda meta: as vias de várias enfiadas em móvel. Depois da surra, passamos quase 2h tentando nos recuperarmos física e mentalmente até conseguirmos entrar numa outra surra.

Nos dias seguintes fomos conhecer outros setores da região e aos poucos fomos pegando o jeito da coisa e começamos a tomar menos pau das vias. No terceiro dia, já estávamos mandando 5.10- à vista e no quarto 5.10+. Logo, percebemos que o estilo das vias tem relação com a graduação. Em geral, fendas de mão que cabem Camalot #2 a #3 são graduadas em 5.10. Se a via for um pouco mais curta, tipo 15m, um 5.9. Já as fendas de mais estreitas, menor que #1, 5.10+ a 5.11. Assim, se quiséssemos escalar vias mais duras, teríamos que encarar fendas mais estreitas (fenda de ponta de dedo).

No quarto dia, entramos pela primeira vez num 5.11. Era um diedro de dedo com um crux no final protegido em #0.3. É claro que não mandei à vista, mas o Rodrigo mandou bem demais a via em top rope, o que acendeu uma boa esperança em nós.

A princípio, a nossa ideia era escalar 3 dias e descansar 1, mas após o primeiro ciclo, descobrimos que não teria como seguir nesse ritmo, pois vimos que cada escalada era extremamente desgastante, aquecer num 5.10 era quase um “projeto de vida”. Assim, tivemos que rever os nossos planos e mudamos os ciclos para 2 dias de escalada para 1 de descanso. Além disso, nós tínhamos outro problema logístico, a água. Como na área do camping não há água, precisávamos levar toda água de Moab em galões. Basicamente levávamos uns 40L d’água por vez para passar 3 dias e sempre ao final do 2º dia a água ficava escassa e tínhamos que ir até a cidade para reabastecer (100km).

No quinto dia de escalada, o Rodrigo foi mais ousado e resolveu provar de top um 5.12, mas infelizmente num movimento estranho acabou machucando o pulso, que o levou a ficar 2 dias off. Aquela lesão não esperada causou uma certa dúvida sobre a continuidade da trip, mas após 2 dias de descanso e muita arnica, o pulso melhorou e tudo voltou à normalidade.

Nós tínhamos algumas vias longas em mente, a começar por alguma via no Bridger Jack Mesa. Como estávamos acampados na base dessa formação, sempre ficávamos namorando aquelas agulhas e pensando nas vias. Olhando os croquis sabíamos que as vias não eram fáceis. Todas eram acima de 5.10 e sempre desafiadoras. No fim, o Rodrigo escolheu uma via chamada “Vision Quest” que fica numa agulha com o sugestivo nome de “King of Pain”!

Uma das vantagens de escalar com gente mais nova é eles têm mais ambição e são mais ousados. Quando a gente vai ficando mais velho, a gente vai ficando mais acomodado e menos ousado.

O desafio estava lançado e no 11º dia de escalada resolvemos entrar na parede. Segundo o guia de escalada, a via era “burly” (dura) com todas as 4 enfiadas graduadas em 5.10 ou mais. Já na 1ª enfiada o Rodrigo tomou um soco no rim. Como eu cheguei destruído na P1 de segundo, para ganhar tempo, o Rodrigo pegou a segunda enfiada (ufa!). Essa vez o soco não foi no rim, mas uma fritadinha no cérebro num offwith cabuludo. Dali para cima, o Rodrigo só entregou as peças e disse:

-Divirta-se!

-Divirta-se!

Na 3ª enfiada, outro 5.10. E quem disse que era fácil. Tomei um voo num #2 e só consegui passar o lance roubando. Já a última enfiada. Ah, sempre a última... Escalada fácil, mas exposta e mal protegida. Pelo visto em Indian, se você não frita o ante-braço, frita o cérebro.

Castle Valley é um vale que fica na região leste da cidade de Moab, distante a 120km de Indian Creek. E é lá que fica uma das agulhas de arenito mais icônicas do montanhismo americano, a Castleton Tower.

Como as nossas agendas não estavam fechando para última semana tivemos que fazer um plano mais ousado (mais cansativo). Assim, na última semana fizemos dois ciclos de 3 para 1, ou seja, em uma semana escalamos 6 dias e descansamos 1.

Por isso, quando chegamos em Castle Valley estávamos na “capa da gaita”. Para nos poupar resolvemos escalar primeiro The Rectory pela via “Fine Jade” (5.11) que teoricamente era a via mais dura e deixamos a Castleton Tower para o último dia.

O primeiro desafio para escalar qualquer uma dessas agulhas é a aproximação que é mais longa em relação as vias de Indian Creek, uma hora de caminhada com 400m de desnível até a base da via.

Dessa vez eu comecei os trabalhos na Fine Jade e logo na saída encarei o crux físico da via, um lance estranho de 5.10+ que só consegui passar roubando.

Mais acima, o Rodrigo pegou o segundo crux, um 5.11 de dedo que ele passou com bastante maestria. Depois foi só alegria até o cume. Chegamos no cume felizão, pois sabíamos que mandamos a via mais dura (entre as duas) em um tempo bom. Na descida, escondemos os equipamentos na base da outra agulha e retornamos para o acampamento “cantando vitória”... Belo engano.

No dia seguinte, último dia de escalada, eu

parecia um Robocop tentando sair da baraca. Os dias de escalada em Indian aliado a idade avançado do titio estavam cobrando seu preço. Só de ver a caminhada que teríamos que refazer novamente me deixava cansado.

Sem muita pressa, tomamos um café e refizemos a caminhada até a base da agulha. Quando chegamos na base não havia nenhuma cordada na nossa via, a Webster Variation. Descobrimos que a grande maioria das pessoas escalava por uma outra via mais fácil, a Chaminé Norte ou pela Korn Kel e rapelava pela Webster Variation. Aquilo já me soou estranho. Por que ninguém escala a via que vamos escalar? Por que vamos escalar pela via de rapel?

Como a ideia foi novamente do Rodrigo deixei para ele a primeira enfiada, um longo diedro de mão apertado com um teto e crux no fim, antes da parada. Conforme a recomendação do guia de escalada levamos todas as peças até o Camalot #3, mas pelo visto o guia estava errado, ou o cara era muito corajoso, porque escalar o primeiro trecho com apenas 5 Camalot #3 parecia sinistro demais. Com muito esforço, o Rodrigo chegou na P1 e disse mais uma vez:

-Daqui para cima é tudo contigo, estou morto!

Toquei sem muito problema até a P2. Agora estava faltando só mais uma enfiada para terminar a via, bater no cume e fechar a trip com chave de ouro.

Olhei para cima, olhei para o meu rack e ficou claro que as peças que eu carregava não tinham muita serventia. Maldito guia mal escrito! Precisava de Camalot #4, #5, #6, #7, #8, #9! Qualquer coisa para proteger aquela fenda larga... Peguei os 5 camalot #3 me enchi de coragem e fui à luta. Logo nos primeiros metros gastei todos os #3 no crux e fiquei só com as peças pequenas. Sem muita escolha fui esticando sem olhar muito para baixo até onde a minha coragem me permitia. Lembro que numa certa altura queria colocar uma proteção para me sentir mais “seguro”. Achei um pequeno estreitamento onde poricamente acomodei um #4. Assim que passei da peça, ao simples toque da corda, a peça desarmou. Não tive dúvida, desescalei e coloquei a peça no lugar e subi novamente sem fazer muito alarde com a corda. Pronto! Estava “seguro”. Mais acima a pedra deu uma trégua e finalmente bati no cume. Assim que fiz a virada do cume, vi 3 escaldadores Holandeses que ficaram olhando para mim com uma cara de: o que esse oriental está fazendo ali? Confesso que cheguei no cume com as pupilas dilatadas! Trocamos uma rápida saudação e chamei o Rodrigo, finalmente estávamos no cume do Castleton Tower! Celebramos muito a conquista, pois sabíamos que não foi nada fácil.

No fim acho que valeu cada gota de suor, pois foi sem sombra de dúvida, uma forma incrível de fechar uma trip tão incrível como essa.

Normalmente quando volto de uma viagem, deixo o local com a satisfação do dever cumprido, mas essa, pela primeira vez, tive a impressão de “ainda preciso voltar lá”, pois ainda há muito que aprender com aquelas fendas. Em 12 dias de escalada escalamos mais de 25 vias, mas a impressão que tive foi de que não escalei nada em Indian Creek. Com certeza sai de lá com gosto de “quero mais”!



ESCALADA NA ARGENTINA

LOS ARENALES

TEXTO + IMAGENS
TATIANA BATALHA

A primeira vez que ouvi falar de Arenales, o paraíso Argentino da escalada em rocha, foi no Festival de Escalada da Associação Gaúcha de Montanhismo. Este acontece todos os anos no Camping do Bené, nas proximidades de Porto Alegre. Em dezembro de 2016 tive a oportunidade de participar dele, a convite de uma amiga das montanhas. Um dos gaúchos do evento, parceiro de escalada da minha amiga comentou que se programava para voltar a Arenales para escalar em 2017, mas que teria que adiar os planos por uns meses, devido à crise atual do nosso país e a alta do dólar.

Fim de semana muito bem aproveitado no Camping do Bené, onde pude fazer novos amigos e reencontrar os antigos amigos, como os gaúchos de Santa Maria que conheci em Janeiro de 2015 no refúgio do Mestre Eliseu Frechou, quando fiz o Curso Básico de Escalada em Rocha. Esse final de semana com os amigos gaúchos da escalada nunca vou esquecer. Foi onde a primeira vez desmontei uma parada de segurança e desci com todo o equipamento, e também onde experimentei a sensação de guiar uma via, fora de um curso, encadeando um Quinto Grau Gaúcho (depois fui entender o que isso significava... mas fica para outra história!) de prima. Guia-da essa que aconteceu em Cotiporã. Um lugar muito bonito com vias esportivas para os diferentes gostos. A guiada foi

comemorada com minha amiga (por ter sido feita de primeira sem tropeços) e neste dia também foi o momento de levar a primeira “vaca” na segunda via que tentei escalar guiando (caí no crux da via, me desequilibrei quando fui passar a corda na costura). Queda essa que serviu de lição para quem estava se preparando técnica e psicologicamente para começar a guiar.

Enfim, voltando a Arenales, o Paraíso da escada Argentino, esse nome ficou bem gravado na minha memória. Como aconteceu em outras tantas vezes que ouvi alguém falar de viagens e lugares, pensei, “será que um dia vou conseguir escalar lá?”. Algumas das idéias que surgiram assim consegui colocar em prática. Foi como cheguei ao Campo Base do Everest. Uma certa vez, numa travessia

no Uruguai em 2007, ouvi pessoas do grupo falando sobre um “tal guia brasileiro que é médico e leva pessoas num trekking de duração de 14 dias...” e eu pensei na ocasião, “nossa será que um dia chego lá?”. Tempos depois, em 2012 tive a oportunidade de conhecer o grande Manoel Morgado (o “tal” guia médico), e participar do trekking ao Campo Base do Everest. O nosso foi o primeiro grupo de trekkers brasileiros a dormir uma noite lá. Eu ficaria aqui escrevendo sobre tantas outras coisas que ouvi e tempos depois acabei vivenciando. Mas dessa vez, falemos sobre como fui chegar nas rochas argentinas. Em Janeiro de 2017 conheci aquele que seria meu guia em Arenales. Em minha terceira vez no Parque Provincial do Aconcágua (Em 2013 fiz o trekking até

o campo base, a Plaza de Mulas, quando eu imaginava que só poucos tinham a oportunidade de subir a montanha. E em Janeiro de 2016 tive a oportunidade de voltar e a felicidade de chegar ao cume, e admirar de lá as infinitas montanhas no horizonte dos Andes), agora para um curso de Medicina de Altitude, com a Associação Andina de Medicina para Altitude (AAMPA), conheci Mijel. O curso de Medicina de Altitude tinha como objetivo estudar a teoria sobre os mais diversos temas relacionados aos efeitos da altitude no corpo e ambiente. Na parte prática fomos experimentar na pele os efeitos da altitude, assim como os andinistas, tentando chegar ao cume do Gigante das Américas. Escalar e também ajudar e acompanhar os trabalhos e estudos da equipe médi-

ca do Aconcágua. A proposta do curso era sentir na pele os efeitos de subir a montanha durante uma expedição, carregando nossa comida, equipamentos, barracas, dando assistência às expedições que por ali passavam.

O guia “chefe da expedição” no curso era Mijel Lotfi, médico, a quem um grande amigo de outras montanhas, Angel Armesto, havia já falado sobre minha pessoa antes mesmo de eu chegar em Mendoza. Angel me contou sobre a grande experiência de Mijel e da equipe de professores do curso. E sobre a experiência de nosso guia chefe de expedição como escalador de rocha. Que se um dia eu fosse a Arenales escalar, que fosse com Mijel. Então Arenales reapareceu no meu caminho algumas semanas após eu ter ouvido o nome do lugar pela primeira vez.

Quando voltei do curso de Medicina de Altitude fiquei sonhando com as rochas de Arenales. Em alguns poucos momentos livres no Aconcágua, fomos escalar Boulder com o Mijel e pudemos colocar o assunto da escalada em rocha em pauta. Lembrei então do gaúcho que falou que sempre que tinha a oportunidade ficava uma temporada em Arenales para escalar. De pronto me animei a organizar uma ida a Mendoza para conhecer as rochas de lá. Pensei “será que aproveito ou preciso treinar mais para escalar as vias que eles tem por lá?”.

Foi então que numa das minhas idas a São Bento do Sapucaí, falei com o Mestre Eliseu sobre minha vontade de ir escalar em Arenales e o mestre me conta que esteve em seu abrigo anos antes, nada mais que um dos escaladores que escreveu o Guia de Escalada de Mendoza e sua esposa (quem ajudou na abertura de muitas das vias e confecção do Guia). Mauricio Fernández, quem é o responsável também por ter escrito um livro inteiro sobre o Aconcágua. A essa altura, com minha vontade mais aguçada, já havia contatado Mijel e perguntado se ele guiava por lá, e se poderia me acompanhar nas escaladas. Ele logo se prontificou a ver datas possíveis para me ajudar nessa nova empreitada.

Eu acabara de voltar de Mendoza, era início de fevereiro de 2017, e já estava de olho nas passagens para sobrevoar mais uma vez a grandiosa e bela Cordilheira dos Andes. Só que dessa vez para passar dias seguidos só escalando rochas. Será que eu aguentaria? Afinal de contas, ainda não havia feito uma viagem para passar vários dias escalando rocha. Conte para o mestre Eliseu sobre minha idéia e planejamento de em breve ir para Arenales e ele me emprestou os dois livros do escalador Argentino Mauricio Fernández. Qual não foi minha surpresa ao folhear o Manual de Escalada em Rocha de Mendoza, encontrar em várias páginas de vias descritas o nome de Mijel como o de quem abriu muitas delas! Fiquei mais animada ainda. Assim como é um privilégio conhecer as vias do Baú e região

com quem as abriu e conhece, o grande Eliseu Frechou, eu iria conhecer em Arenales algumas vias com o escalador que as abriu anos antes. Uauuuu... Comprei logo minha passagem. Teria livre o feriado da Páscoa em abril e assim, na data programada, voava eu mais uma vez rumo a uma das minhas cidades favoritas do planeta... Mendoza.

Dias antes de embarcar, vi numa rede social, numa página de montanhismo e escalada brasileira a frase “Qual foi a última vez que você fez algo pela primeira vez?”, e naquele momento me caiu a ficha... Nossa, esta é a primeira vez que farei uma viagem de escalada em rocha! Como aconteceu outras vezes, a idéia saiu da mente, e se transformou em realidade!

Sobrevoando os Andes e admirando cuidadosamente seus cumes nevados dessa vez, cheguei ao destino e fui recepcionada no aeroporto pelo meu guia, Mijel Lotfi. Uma lenda da escalada Argentina. Médico formado pela Universidade Nacional de Cuyo, que agora dedica suas horas a guiar pessoas nas altas montanhas e rochas da Argentina e mundo afora.

Cheguei numa quarta feira, e como de costume fui dar uma volta pela cidade, comer um bom “asado” com bom “vaso” de vinho local. A cidade estava em festa, era o Festival do Malbec, meu vinho preferido. Mijel me disse que era final de semana de comemoração nas montanhas também. Íamos para as rochas bem na semana do Festival de Escalada de Arenales. O local estaria cheio de escaladores e amantes das montanhas. Estavam preparando projeção de filme ao ar livre e encontro de grandes personagens da escalada Argentina. Fiquei mais feliz ainda, pois sem saber fui parar lá na época certa!

Passei a noite no Hostel Tibet, e no dia seguinte na hora combinada, encontrei meu amigo e guia para iniciar a aventura. Começamos fazendo compras num supermercado no caminho, para passar os dias ao pé das rochas. Frutas, cebola, alho para o asado (o nosso churrasco), milho, macarrão, bolachas, chocolate, água, lenha... Abastecemos o carro e rumamos para Arenales. Seguimos pela “ruta nacional 40” até Tunuyán, depois pela “provincial 94” até “Manzano Histórico”, onde antes de seguir pela estrada de terra até o primeiro acampamento, fizemos uma parada para conhecer um dos habitantes que briga por manter as belas rochas e montanhas da região acessíveis aos escaladores e população, o Senhor Yagua Arenales. É ele um dos que trabalha na manutenção da região próxima ao refúgio e acampamento, fazendo placas para sinalizar as trilhas de acesso às vias de escalada. O senhor Yagua mostrou-nos algumas das placas mais novas, e com o Festival próximo de começar, estava também encarregado de transportar os escaladores para a entrada de Arenales. Com o evento, escaladores de diversas regiões estavam chegando para acomodarem-se próximo as vias e ao refúgio da organização

Piedra Libre (uma ONG que luta para manter o acesso à região livre e promover eventos, divulgar a escalada em Arenales e fazer a manutenção nos arredores do Refúgio e vias de escalada).

Na primeira tarde fomos conhecer e escalar algumas vias no setor Teton Free, de menor grau. Acostumada com as escaladas matinais com o Mestre Eliseu na Pedra do Baú, tive uma experiência diferente nos Arenales. No Baú, ou Ana Chata, quando vamos para as vias tradicionais, geralmente saímos cedo e fazemos uma longa via a manhã toda, para depois voltarmos para o abrigo e ter o merecido descanso. Ali no Teton Free, meu primeiro contato com as rochas de granito argentinas, foi muito proveitoso. O tempo estava frio, uma neblina nos alcançou durante a escalada, mas conseguimos aproveitar o setor das vias esportivas de menor grau ao máximo. Foi uma ótima tarde fria de escalada. Com direito a limpar o céu para fotos da linda parede e o fundo repleto de agulhas rochosas esperando para serem exploradas. Nesta noite ficamos acampados antes do refúgio, antes do posto da Gendarmeria (a polícia Argentina).

A parada para conferir documentos no posto da Gendarmeria atrasa um pouco a entrada dos escaladores e turistas que frequentam a região. Por tratar-se de área fronteira com o Chile, os policiais fiscalizam quem passa. No dia seguinte mudamos o acampamento para dentro da área fiscalizada. Esperamos com outros escaladores pela boa vontade na conferência dos documentos e autorização da nossa passagem para próximo do refúgio. Notadamente algumas pessoas tem mais facilidade para serem atendidas no local, mas, fomos liberados e passamos para o outro lado. Isso era o que importava! Enfim, iria conhecer outra área de escalada, a famosa Mitria.

Mijel encontrou diversos amigos acampados no caminho e conversando com eles soubemos que muita gente já havia subido para a área de acampamento. Motivo pelo qual o “mestre Mijel de Arenales” achou melhor permanecer acampados na parte baixa. Lá escalamos mais vias. Mais longas que as do dia anterior. Com 4 enfiadas, com necessidade de rapelar para voltar à base. Interessante observar as pequenas diferenças nas técnicas de escalada usadas por diferentes mestres. Todas sempre visando a segurança. Já dei um susto no mestre Eliseu, sem querer dei um no Mijel, sem maiores consequências. Tudo calculado e sob controle durante um dos rapéis intermediários, só uma biliscada na mão direita que se aproximou mais do que deveria do freio. Lição para toda a vida de escaladora. Mais uma para a lista! Foi mais um ótimo dia de escalada, e no final da tarde mudamos nosso acampamento para perto do guia amigo de Mijel que estava lá conduzindo duas meninas da Austrália. Como no primei-

ro dia, fizemos mais um delicioso asado com cebolas, milho e alho embrulhados em papel alumínio, regados a azeite e sal para acompanhar a carne. São uma deliciosa iguaria! Não fica a mesma coisa no forno convencional, do que quando assados na brasa, mas adotei a receita aqui em casa. Faz recordar os dias em Arenales! Boas conversas na beira da churrasqueira improvisada nas pedras, vinho Argentino e carne da melhor qualidade! Foi assim o preparo para no dia seguinte ir mais longe no vale das agulhas rochosas para escalar uma via tradicional, e chegar a um cume. Fomos até o setor Pilar Salido onde escalamos a via Epitáfio (aberta por Mijel e seus parceiros de escalada anos antes). Via um pouco mais difícil que a dos dias anteriores. O tempo estava frio, uma neblina nos alcançou durante a escalada, mas conseguimos aproveitar o setor das vias esportivas de menor grau ao máximo. Foi uma ótima tarde fria de escalada. Com direito a limpar o céu para fotos da linda parede e o fundo repleto de agulhas rochosas esperando para serem exploradas. Nesta noite ficamos acampados antes do refúgio, antes do posto da Gendarmeria (a polícia Argentina).

A parada para conferir documentos no posto da Gendarmeria atrasa um pouco a entrada dos escaladores e turistas que frequentam a região. Por tratar-se de área fronteira com o Chile, os policiais fiscalizam quem passa. No dia seguinte mudamos o acampamento para dentro da área fiscalizada. Esperamos com outros escaladores pela boa vontade na conferência dos documentos e autorização da nossa passagem para próximo do refúgio. Notadamente algumas pessoas tem mais facilidade para serem atendidas no local, mas, fomos liberados e passamos para o outro lado. Isso era o que importava! Enfim, iria conhecer outra área de escalada, a famosa Mitria. Mijel encontrou diversos amigos acampados no caminho e conversando com eles soubemos que muita gente já havia subido para a área de acampamento. Motivo pelo qual o “mestre Mijel de Arenales” achou melhor permanecer acampados na parte baixa. Lá escalamos mais vias. Mais longas que as do dia anterior. Com 4 enfiadas, com necessidade de rapelar para voltar à base. Interessante observar as pequenas diferenças nas técnicas de escalada usadas por diferentes mestres. Todas sempre visando a segurança. Já dei um susto no mestre Eliseu, sem querer dei um no Mijel, sem maiores consequências. Tudo calculado e sob controle durante um dos rapéis intermediários, só uma biliscada na mão direita que se aproximou mais do que deveria do freio. Lição para toda a vida de escaladora. Mais uma para a lista! Foi mais um ótimo dia de escalada, e no final da tarde mudamos nosso acampamento para perto do guia amigo de Mijel que estava lá conduzindo duas meninas da Austrália. Como no primei-

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (VII): DIAMANTINA

"Viver é negócio muito perigoso."

"Viver é um descuido prosseguido."

"A gente vive não é caminhando de costas?"

João Guimarães Rosa

É em Diamantina que o Espinhaço se abre de forma única em duas paredes, criando um grande planalto entre elas. Nele foi criado um imenso parque, vazio, inacessível e abandonado. Mas ele convive com duas outras áreas de conservação, bem instaladas e muito visitadas.

Alberto Ortenblad | SP

O rio Preto, em Diamantina

Diamantina surgiu depois da descoberta do ouro de Serro, como o Arraial do Tijuco. Lá o contratador de diamantes, então o homem mais poderoso da Colônia, apaixonou-se por uma negra. Foi ela Chica da Silva, a escrava que se fez rainha. Ao contrário do ciclo do ouro, o do diamante perdurou por 1½ séculos, só sendo interrompido pelas descobertas concorrentes na África do Sul.

Mas persiste a atividade garimpeira na região: perto de Diamantina em Areinha, 4 mil homens dedicam-se ainda hoje a este sonho fugaz. O barro revolvido colore as águas antes limpas do Jequitinhinha. Diamantina é uma linda cidade colonial, situada num platô elevado e panorâmico, frontal a uma grande parede em quartzito. É a capital do Alto Jequitinhonha, cujo céu estrelado até hoje reflete os diamantes do passado. Em Minas ele é chamado um rio de pedra e na Bahia, de areia.

O Biribiri

O PE do Biribiri, criado em 1998, tem uma história curiosa, ligada à vila de mesmo nome. Ela surgiu quando o Bispo de Diamantina decidiu fundar uma fábrica de tecidos, na realidade uma estamperia, para empregar as moças pobres da região. O vilarejo de Biribiri fica fora dos limites do

Parque. Ele está incrustado num pequeno vale e inclui as instalações fabris, as moradias das operárias e uma graciosa igreja, que podem até hoje ser visitadas. A fábrica funcionou por cem anos, até 1976. A empresa fabril, que ainda existe, negociou as terras em troca de sua dívida fiscal, surgindo então um gracioso Parque a apenas 15 km de Diamantina, com a apreciável extensão de 17.000 ha. Sua cobertura vegetal é composta principalmente por cerrados e campos rupestres.

As principais atrações são duas cachoeiras, formadas pelos Rios Sentinela e Cristais, que recebem estes mesmos nomes. Ambas são de fácil acesso, próximas à estrada, com pequenas quedas de uma beleza rústica, que merecem de fato ser visitadas. Em particular, a Sentinela é uma graciosa queda em miniatura. O Parque costuma ser passagem ou destino de travessias entre os Parques do Rio Preto, das Sempre Vivas e do Itambé.

O Parque abriga ainda parte do Caminho dos Escravos, que foi nesta região o marco zero do Caminho Real. Ele se estende num rumo norte por 20 km entre Diamantina e Mendanha, possuindo trechos de pedra calçados pelos escravos. Ele foi a principal ligação com os garimpos do Jequitinhonha, atravessando ruínas e cachoeiras.

Mas este é quase um parque urbano, dada a proximidade com a cidade e a boa condição da estrada de acesso. Portanto,

evite visitá-lo nos fins de semana, para que sua natureza um tanto áspera e isolada não seja invadida pelo barulho e pela aglomeração dos humanos.

O Rio Preto

Este Parque só foi aberto à visitação em 2001, sete anos depois de sua fundação. Dispõe hoje de 12.180 ha, que devem ser proximamente aumentados. Acredito que, junto com Ibitipoca e Rio Doce, seja o Parque mais bem estruturado de Minas: apresenta excelentes alojamentos, ampla área para camping e boa sinalização. Numa rara exceção, encontra-se totalmente desapropriado, com sua situação fundiária regularizada. Conta com 33 funcionários, fora brigadistas.

Localiza-se em São Gonçalo do Rio Preto, a 70 km ao norte de Diamantina, inicialmente por asfalto, sendo os últimos 15 km por boa estrada de terra. Ele fica adjacente ao povoado de Santo Antonio, com suas casas esparsas e seu vale fértil. O Parque abrange as nascentes do Rio Preto, que o atravessa no sentido norte, percorre talvez 50 km e integra a bacia do Jequitinhonha.

Sua vegetação alterna formações de cerrado e campo rupestre, com presença de matas ciliares nas vertentes dos córregos. Seu maior acidente geográfico é o Pico dos Dois Irmãos, bela formação dupla, com altitude de 1.830m. Apresenta uma

natureza um tanto dura, entretanto amenizada pelas praias e poços, corredeiras e cachoeiras, em especial no Rio Preto e no Córrego das Éguas.

As atrações ficam na sua extremidade norte, por onde, aliás, você ingressará no Parque. A razão disso é que sua topografia se torna acidentada a sul, à medida que começa a esplêndida Chapada do Couto. Você partirá da altitude de aprox. 750m da sede do Parque até os 1.600m dos campos altos do Couto.

Há dois roteiros principais, dos mirantes e das cachoeiras. Dos primeiros, existem entre outros os Mirantes da Estrada Real, da Pedra e do Monjolo. Das segundas, a trilha mais interessante são os 12 km que chegam à Cachoeira do Crioulo e retornam pela Cachoeira Sempre Viva, duas quedas muito bonitas. A visitação às corredeiras do Rio Preto, com suas lajes rosadas e suas águas vivas, exige 10 km ida e volta – a menos de 3 km mais acima, fica o Poço Capão.

Mas o caminho mais exigente é aquele que percorre a Chapada do Couto, no sentido do Pico Dois Irmãos, com 36 km ida e volta a partir da sede. Durante talvez 7 hs, você atravessará cerrados de candeias e campos de arbustos e gramíneas, passando por diversos afluentes do Rio Preto. A montanha é o divisor entre os cursos do Preto e do Araçuaí, formando o limite leste do Parque. Mas você pode subir mais rapidamente, em menos de 1 hr, se chegar de carro até a base do pico. Falarei melhor desta montanha em outro artigo.

A menos da longa trilha do Dois Irmãos (se não usar o carro), você pode acampar ou aloar-se no Parque por alguns dias, pois há várias outras atrações, como algumas lapas com pinturas rupestres, praias com areias impecavelmente brancas e muitos poços naturais – e, segundo ouvi, uma ótima culinária nos fins de semana. Mas agende antes, algumas trilhas necessitam de permissão.

O Sempre Vivas

Não é por acaso que algumas flores do campo são chamadas de sempre vivas, pois uma vez secas seus arranjos duram por anos. Esta resistência contrasta com seu aspecto delicado, normalmente um botão no alto de uma fina haste cujo conjunto lembra um buquê saindo graciosamente do solo. Existem no Brasil 800 espécies, metade das quais no Espinhaço – por exemplo, pepalanthus, conantheras e syngonanthus. Seus campos naturais são altamente cobiçados, pois a fácil colheita mostra-se bastante lucrativa.

Existe um PN criado para protegê-las, junto com o cênico ecossistema à sua volta. Localizado no norte mineiro, entre alguns municípios no entorno de Diamantina, o PN das Sempre Vivas foi fundado em 2002,



Serra do Galho, PN Sempre Vivas, MG.

Serra do Galho, PN Sempre Vivas, MG.

com a impressionante área de 124.150 ha. Ela quase abarcaria todos os oito PEs mineiros próximos. Seu formato é quase retangular: as dimensões aproximadas são 130 km norte-sul por cerca de 95 km leste-oeste. Acredito que a altitude média seja 1.200m. Foi ocupado 11 mil anos atrás por caçadores-coletores e, depois, por índios bororos, cariris e jês – atualmente, apenas criadores de gado e coletores de plantas o percorrem.

É estranho o estado de quase abandono em que se encontra, com falta de sinalização, maus acessos e ausência de limites. Conta com meros 16 funcionários e a visitaçã anual é baixíssima. Sua existência tem sido disputada por pessoas que se dizem expulsas dele, pecuaristas e, em especial, coletores de sempre vivas. Lembro que este problema é comum aos parques brasileiros, que são criados mas nunca desapropriados. E que a extração de flores deveria ser proibida, até mesmo porque sempre vivas podem ser facilmente plantadas. Mas claro que é mais cômodo sacá-las sem esforço da natureza e reclamar do governo.

O bioma predominante é o cerrado, nas suas diversas manifestações: campo limpo, carrasco, campo rupestre, vereda, matas seca e ciliar. A vegetação varia desde as árvores de porte como perobas e candeias e as arboletas como barbatimão e copaiba às formações arbustivas das arnicas, quinas, canelas de ema e quaresmeiras - além de gramíneas como o capim dourado, flores como as orquídeas e cactos como os facheiros. E, é claro, as sempre vivas florescendo em todos os campos.

Por ser uma região pouco acessível e bem preservada, abriga diferentes felinos, veados, tatus e macacos. Lá você encontrará tamanduás bandeira e lobos guará, bem como uma grande população de antas e de aves, algumas das quais endêmicas. Mas a caça é ainda praticada, bem como a criação irregular de gado. E os incêndios são comuns, naturais e provocados. Pelo que pude notar, é um local onde as relações entre a administração e os ocupantes são conflituosas.

Acho que existem duas considerações importantes acerca do Parque. A primeira diz respeito à abundância dos mananciais, dado que pude notar, é um local onde as relações entre a administração e os ocupantes são conflituosas.

Serra do Galho, PN Sempre Vivas, MG.

Francisco. É curioso como a espinha dorsal do PNSV divide perfeitamente estas duas bacias.

Os três primeiros destes rios nascem dentro do PNSV, em discretos capões de mata embutidos nos grandes campos ondulados. Destes todos, o mais importante é o Jequitaiá, com sua Cachoeira do Tombador no seu curso médio e sua trajetória noroeste de 350 km até o São Francisco. Assim como muitos outros, o Jequitaiá sofre com o assoreamento de seu leito e o desaparecimento de suas nascentes pelo desmatamento. No ano em que o conheci, ele secou pela primeira vez na história. Os plantios de eucalipto para carvão têm tornado a região mais pobre e árida.

Aliás, o primeiro esforço para a criação do Parque surgiu em Inhaí, ligado ao Rio Inhacica a leste, quando teria menos da metade de sua área atual. Mais tarde, as duas reservas já existentes a oeste fizeram sua área ser ampliada. Junto com o Rio Fundão, o Inhacica é deslumbrante, nascendo e sumindo dentro do Parque, com sua calha circundada de lagoas, moitas verdejantes, areias imaculadas e paredões rochosos. E muito força no remo, para percorrer toda essa beleza rio acima. Lembro como é sempre magnífica a oposição entre os campos áridos e rochosos e as águas maravilhosamente frescas do Espinhaço.

A segunda observação se refere à topografia. O Parque está na borda norte do Planalto Diamantino, com relevos tanto ondulados e montanhosos como suaves e planos. Embora o Espinhaço seja em geral uma cadeia retilínea, ele se abre nesta região surpreendentemente em escarpas paralelas, que abrigam no seu interior a enorme chapada do Parque. É como uma lagoa formada dentro de um rio que corresse antes e depois dela. É por esta razão que sua área resultou tão grande e seu formato, tão diferente dos parques compridos e estreitos da região.

Se você olhar um mapa da região notará que o PNSV lembra o Pantanal, pela carência de estradas de penetração e presença de vilas apenas à sua volta – como que espreitando de longe o seu interior. De fato, no sentido horário a partir do norte, você encontrará vilarejos como Olhos d’Água, Inhaí, São João da Chapada, Macacos, Santa Rita e Curimataí praticamente sem indicação de conexões entre eles e muito menos deles com o Parque. As rodovias asfaltadas dos dois lados do PNSV tomam os rumos de Montes Claros e Vitória da Conquista.

Serra do Galho, PN Sempre Vivas, MG.

O Parque: apenas ao sul por São João e Macacos existia uma estrada em condições medianas para seu interior, com quase 50 km até a sede do Ibama. É também possível acessar o Parque a leste por Inhaí, com 40 km de terra. Ao norte e oeste apenas encontrei vias de contorno em Olhos d’Água e Curimataí, que permitiam tão somente avistar as suas terras. Portanto, a menos que se disponha a caminhar por três ou quatro dias ou possua uma montaria, você só poderá conhecê-lo superficialmente. Este foi infelizmente o meu caso, apesar dos cinco dias dedicados a visitá-lo, e em duas ocasiões diferentes.

As travessias de que tive conhecimento percorrem a borda sul do Parque, com uma logística menos complicada do que nas outras regiões, que são mais vazias. Variam de 35 a 60 km, quando você pode caminhar durante 3 a 4 dias, por ex. indo a sudeste de Curimataí a Rio Pardo, a oeste e sul de Inhaí a Macacos ou atravessando rumo oeste o vale do Rio Preto, com sua bela cachoeira. Uma ideia seria percorrê-lo de bike, por exemplo você pode ir num só dia de São João da Chapada a Curimataí. Mas não espere qualquer apoio que não seja alguma casinha isolada ou algum tropeiro andarilho.

Como indicado no mapa, o Parque possui alguns campos muito panorâmicos, emoldurados por serras distantes e decorados por sempre vivas. O Campo de São Domingos é acessado por Macacos e fica antes da Sede do Ibama na Fazenda Koolping. Esta propriedade é uma RPPN com cerca de 5 mil ha, cujas terras teriam sido ganhas no jogo (dizem outros que na conversa) por um padre e depois por ele vendidas. Ela é que eu saiba a única estrutura no interior do PNSV.

Se você continuar progredindo a norte pela precária estradinha do Parque, encontrará a RPPN da Fazenda Arrenegado, com 12 mil ha de campo. Continuando nesta direção, conhecerá os Campos Triste e João Alves, dispostos em sucessão. Por fim, o Campo dos Ferreira, que já fica na extremidade norte. Eles são um tanto áridos e pedregosos, apesar de recobertos por vegetação de campo e cerrado. A distância entre estes campos corresponde, portanto, a toda a extensão de mais de 100 km do Parque.Entre os dois primeiros destes campos, estende-se a espinha dorsal do PNSV, a Serra do Galho, que seria a manifestação por assim dizer do eixo do Espinhaço na região. Voltando à minha analogia, é como se

fosse uma ilha comprida no meio da lagoa em que o rio se abriu. Ela é uma formação em quartzito fino com um interessante desenho sinuoso que pode ser avistado desde longe. O Galho contém os 1.525m do ponto culminante do Parque, numa corcova raramente escalada. Naturalmente, é um tanto monótono percorrer tão grandes extensões dentro de um mesmo bioma. Mas o Parque não é simplesmente um só chapadão, como alguns dizem. Existe muita movimentação no seu interior, com os lajedos dos campos rupestres, os declives nas passagens entre os campos, as serras que os atravessam, as paredes que descem para os cânions, os muitos jardins de sempre vivas e o turbulento curso dos rios pedregosos. Ao subir na Serra do Landim (1.430m) pude perceber como sua topografia é interessante, como diz Felipe Ribeiro, atrás de serra tem serra.

O PNSV é também conhecido por suas cachoeiras, que ficam nas suas bordas, aproveitando o desnível das escarpas. Não são formações muito altas, a exemplo das que você encontrará nos belos rios convergentes do Inhacica e do Fundão. Na Fazenda Gavião existem quatro quedas; as maiores do PNSV seriam as cascatas do Jequitaiá e as cachoeiras Santa Rita e Sobradão. Vale lembrar ainda os cânions do Rio Preto e de São João. Têm aquelas águas incrivelmente limpas e geladas e aquele aspecto de oásis circundados pelas rudes pedras que tão bem distinguem o Espinhaço.

Veja no capítulo seguinte como a cordilheira do Espinhaço irá curiosamente se dividir em duas formações independentes, no seu incessante caminho para o norte. ortenblad@terra.com.br

Rio Inhacica Grande, PN Sempre Vivas, MG.



21 ANOS DEDICADOS
À AVENTURA AGORA COM
UM NOVO ENDEREÇO!

LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia

www.penatrilha.com.br

www.mountainvoices.com.br

GENUINAMENTE
ARTESANAL
PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470



EQUINOX  **MOCHILA DE ESCALADOR**

PROJETADAS POR ESCALADORES
DURABILIDADE SUPERIOR



KIIHÚ 2.0



SÍNTESE 2.0



GRANDE LESTE 2.0

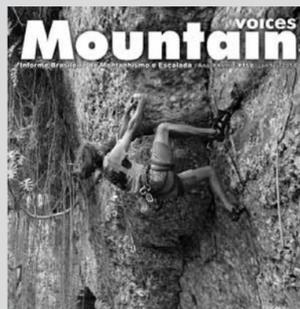
MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br
Web site: www.mountainvoices.com.br
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



INDIAN CREEK
FÉRIAS PORTA DOS DIAS
SERRA DO ESPINHAÇO
MONTANHISMO
FÉRIAS OU
VIAGEM DE ESCALADA?
ESPECIAL

Capa: Jorge Alves escalando na falésia Barro Branco, Lençóis-Bahia um dos destinos de férias preferido dos escaladores brasileiros.
Imagem Eliseu Frechou.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2018.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

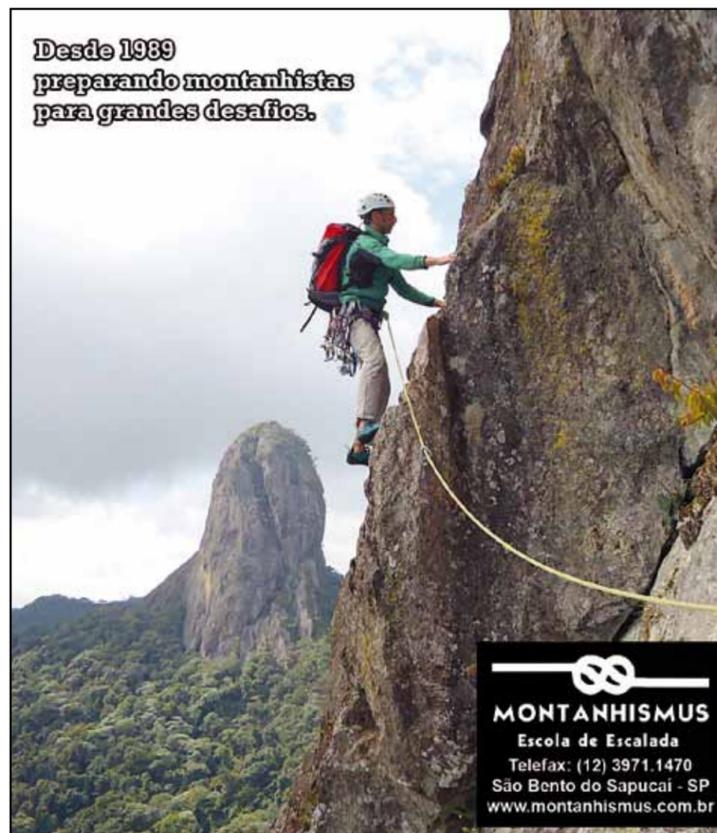
Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

159

Total00

Desde 1989
preparando montanhistas
para grandes desafios.




MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Telefax: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

 **CONQUISTA**



**ACREDITE
NO PODER
DA AVENTURA
E VIVA ESSA
CONQUISTA.**

Jonas Leffek - (Via Superphaut 10a) Foto: Marcos Cons

 CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
[FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990](https://www.facebook.com/CONQUISTAMONTANHISMO1990)
[INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO](https://www.instagram.com/CONQUISTAMONTANHISMO)

© Christian Pivovarov Photography

DEUTER GRAVITY SERIES



www.deuter.com.br